



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

LUSITANOS, LÍGURES E CELTAS.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1890 | Número: 7

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Lusitanos, lígures e celtas. *Revista de Guimarães*, 7 (4) Out.-Dez. 1890, p. 161-182.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

LUSITANOS, LIGURES E CELTAS

(Continuado da pag. 119)

II

O segundo trecho da descompostura do snr. Coelho toma outras 15 paginas e occupa-se quasi exclusivamente do germanismo dos Celtas no terreno da glottica.

Eis o caso. N'uma hora aberta tive a má lembrança de escrever «por incidente», que decerto o meu mau sestro me inclinava para esta opinião, e apontava rapidamente algumas razões que me haviam induzido áquella tentação.

No terreno da glottica, limitava-me a insinuar que algumas palavras que nos deixaram os Celtas, como *gæsum*, *tri-markisia*, *drynemeton*, os nomes de Leonorio e Lutario cheiravam diabolicamente a germanico e que, segundo Holtzmann, o mesmo succedia aos nomes pessoaes dos galatas asiaticos.

O snr. Coelho cahe a fundo sobre este «absurdo», e gabava-se de demonstrar que a lingua dos taes galatas «não era de modo algum germanica». Como o conspicuo professor de glottica se encontra no seu elemento, é de crêr que se exceda a si mesmo.

Admiremos pois.

1.º *Gæsum*. «A palavra *gæsum*, *gesum*, diz elle, podia ser tão commum ao celtico e ao germanico, como a raiz *drub*, etc.» Confessemos que as entradas não são das mais bri-

lhantes para quem promettia demonstrar que os nomes em discussão não eram «de modo algum germanicos». Aqui temos já um, que, conforme a declaração do proprio snr. Coelho, pôde ser germanico, e tão germanico é, que entra nos nomes germanicos Gæsorix, Ariogaisos, etc. Como esta confissão lisongeia o nosso «absurdo», passemos adiante sem mais commentarios.

2.º *Trimarkisia*. «Porque escreve o snr. Sarmiento *trimarkisia* e *trimarrisia*?» pergunta finoriamente o snr. Coelho. E alarga-se n'uma das suas habituaes estopadas de erudite inutil, para demonstrar que a lição verdadeira é *trimarkisia*, como se isso me incommodasse muito. Feita a demonstração, continúa triumphantemente: «As palavras *tri*, *tres*, e *marka*, cavallo, reproduzem-se nas linguas germanicas n'outras formas, segundo as leis phoneticas respectivas: a primeira em gothico *threis* (thema *thri*) tinha em todos os dialectos germanicos antes do quinto seculo da nossa era uma spirante inicial representada por *th*, que os gregos transcreveram por delta ou theta e não por tau; assim o nome germanico *Thiudareiks* acha-se transcripto Δεϋδιϰιξ em Strabão (7, 1, 4. pag. 292 c). Ao celtico *marka* correspondem ant. alto all. *marah*, com *h* regularmente pelo *k* primitivo, norsico *mer*, *meri*, equus, anglosax, *maere*, *mere*, equus. Assim, pois, *marka*, *trimarkisia*, são conformes ao consonantismo do que chamamos celtico e não do germanico; cf. ant. irlandez *marc*. i. *ech*, *marcach*, equestris em Cormac (W. Stokes, *Three Irish Glossaries*, pag. 28; Zeuss-Ebel (pag. 38) etc; *tri*=irl. *tri*, kymr. *tri*, etc. Demais em germanico não ha formações em *isia*».

Esta sapientissima perlenga só tem parelha na definição do caranguejo, festejada na anecdota. *Mestre*: Que é o caranguejo? *Discipulo*: Caranguejo é um peixe vermelho que anda para traz. *Mestre*: Muito bem; com a differença de que o caranguejo nem é peixe, nem vermelho, nem anda para traz.

Abre-se a ultima edição da *Deutsche Grammatik* de Grimm e a pag. 934 do 2.º volume lê-se: «[*drei*] [Tac. Triboci; trimarkisia bei Pausanias]». Assim, para Grimm, o inventor da *lautverschiebung*, o caranguejo do snr. Coelho nem é peixe, nem vermelho, nem anda para traz; não ha duvida nem no *tri*, nem no *mark*, nem no *isia*; e, como se vê, para o grande sabio a palavra é germanica. Como se viu tambem, o *tri* apparece ainda no povo germanico Tri-boci. Quanto a *mark*, Holtzmann já tinha prevenido o snr. Coelho de que não era mau folhear os antigos documentos. Encontra-se, por exem-

plo, duas vezes na *Lex Baiuvarum* ¹, e outras duas na *Lex Alamannorum*, ás quaes Dagoberto (seculo VII da nossa éra) deu a ultima demão. Em germanico não ha formações em *isia*; a Amisia, a Calisia de Ptolomeu, a Frisia, até a Frisia, seriam invenções dos celtophobos.

Diga-se por superabundante que a complicada estrategia da *trimarkisia* apenas se encontra n'um outro povo, os Bastarnas, que são germanicos, observação já feita, entre outros, por Kunssberg ².

3.º *Drynemeton*. «Este nome é indubitavelmente composto de *dru* e *nemeton*, escreve o illustre professor; o segundo elemento é bem conhecido do antigo celtico e neo-celtico, e significou primeiro logar consagrado, depois templum sacellum».

Falta accrescentar que, pelo nome e pela coisa, *nemeton* e *nimidas* nenhuma differença fazem, e que no *Indiculus Superstitionum*, que fecha uma das capitulares de Carlos Magno, e que vamos procurar a fonte limpa, á *Deutsche Mythologie* ³, de Grimm, se lê com todas as letras: «vi. de sacris silvarum, quæ *nimidas* vocant».

A palavra pôde, pois, ser celtica e germanica. Vejamos se o *dru* faz pezar a balança para algum dos lados. «Com relação ao primeiro elemento, *dru*, é que ha duvidas», diz o snr. Coelho; mas não acha «difficuldade em admittir que no antigo celtico, que devemos suppôr dividido em diversos typos dialectaes, houvesse um thema *dru*, designando ou a arvore em geral ou uma especie determinada d'arvore, o pinheiro, o abeto, talvez mesmo o carvalho». A questão, porém, não é se o snr. Coelho acha ou não acha difficuldade em admittir um *dru* celtico; é se elle existe. Como não existe, resignemo-nos com esta desgraça e procuremos por outra parte. O *triu*, que o snr. Coelho encontrou em Fick, não serve para nada? Este *triu*, que, segundo Grimm (*Deutsche grammatik*, vol. 2.º, pag. 516), devia ter soado *driu*, por exemplo, no gothico dos mais remotos tempos, que é intimo parente do ὄρεῖς grego na opi-

¹ Uma d'estas passagens é citada por Dieffenbach, *Celtica*, I, 67, n.º 100, a, que o snr. Coelho dá a entender que sabe de cór: «Siquis aliquid de equo suo deposuerit, quem mare Galli vocant» Leg. Bajov. (Ad.) ist in *march falli* zu corrigiren».

² *Wanderung in das germanische alterthum*, pag. 88.

³ Quarta edição, vol. III, pag. 403.

não d'este sabio e d'outros competentes (Curtius, Schleicher, Scade, etc., para não fallar no « mau glottologo », Diefenbach) ha de ser posto fóra da contenda para evitar desgostos aos celtistas? Será bom advertir que a palavra *drynemeton* só nos foi transmittida em épocas muito posteriores ao estabelecimento dos Galatas na Asia Menor, sendo possível e até provavel que tivesse soffrido os efeitos da influencia grega. Certo é que, se o celtico apenas pôde explicar uma parte d'este composto, o germanico explica-as ambas.

Que mais é necessario?

4.º *Leonorio, Lutario*. Estes nomes não são germanicos? « A fonte d'esta supposição, diz eruditamente o snr. Coelho, está em Diefenbach, *Celtica*, II, 1, 253 (publicado em 1840), que diz que Lutarius e Leonorius podem ser em verdade germanicos, mas tambem certamente celticos e que portanto não permitem a hypothese da derivação germanica ou d'uma parte das suas tropas; o snr. Sarmento, que possui Diefenbach, não leu esta observação final ». Pondo de lado os commentarios do snr. Coelho, d'uma impertinencia quasi calinesca ¹, temos que para Diefenbach os nomes de Leonorio e Lutario podiam « em verdade ser germanicos ». Mas para o snr. Coelho quem affirma o germanismo d'estes nomes « esquece-se da impossibilidade d'essa origem », e vai o illustre glottologo da *trimarkisia* provar que Diefenbach era tão tapado, que nem deu por tal impossibilidade. Quanto a Leonorio, a demonstração não pôde ser mais summaria; é que « em germanico não ha nomes em *orio* ». Temos outra como as formações em *isia*! O Iboreo, chefe dos Longobardos, o Galactorio de Venancio Fortunato, o Lidorio de Gregorio de Tours, etc., bastam para mostrar a « impossibilidade » dos nomes germanicos em *orio*. De peor partido parece estar o santo de Galles, ao qual o snr. Coelho poz duas

¹ Eu nem sequer citei Diefenbach a proposito dos nomes pesoaes dos Galatas. De resto, o auctor da *Celtica*, cinco paginas adiante da indicada pelo snr. Coelho, declara muito fornalmente que não faltam razões, e muitas, a favor da mistura de Celtas e Germanos n'estas excursões para nascente; que Brenno podia bem ser o germanico Brinno, Lutario Luther, etc.; não está longe de admitir que os Galatas fossem Cimbros (os Cimbros são hoje geralmente tidos por povos germanicos), encontrando n'este ultimo facto boas razões em prol do *celtismo* d'aquelles. Veja-se se Diefenbach me podia incommodar muito, e veja-se sobretudo a sciencia e consciencia, com que o snr. Coelho apresenta as opiniões dos auctores que diz ter lido.

velas accesas; porque é muito de presumir que o seu *orio* fosse um presente dos latinistas implacaveis, que até do celebre Artur fizeram Artorio. Feller, que deve ser entendido n'estas coisas, chama-lhe simplesmente Leonor. O santo, nascido no paiz de Galles, veio pastorear para a Bretanha, segundo conta aquelle biographo. É decerto o mesmo, a que se refere J. Loth n'esta passagem: « *Runare*. Probablement Lunare, dont le nom se retrouve dans Saint-Lunaire. Sur Lunaire ou Léonor, v. Boll, 1^{er} juin, I, pag. 118-125 »¹. Resulta d'aqui e d'outras citações do artigo de Loth que o *orio* brilha pela sua ausencia e que mesmo a fôrma Léonor é duvidosa. Seja porém como fôr, vistos os exemplos acima citados, os manes de Diefenbach, diffamados pelo snr. Coelho, por causa dos nomes germanicos em *orio*, poderiam rir-se do farelorio da sciencia portugueza.

Pelo que respeita a Lutario, a demonstração é mais complicada e mais sabia. « O nome germanico *Liudaharis*, diz, só apparece com a fôrma *Liuthari* posteriormente ao quarto seculo da nossa éra, isto é, no periodo em que se opéra a segunda *Lautverschiebung*, em virtude da qual as linguas germanicas se separam em dois grupos dialectaes; *Liuthari* pertence já ao alto allemão. As fôrmas Luthar e Luther são muito posteriores ainda ». Deveria concluir-se d'esta profunda excavação que a fôrma *Liudaharis* apparece antes do seculo iv da nossa éra. Pois não apparece em parte nenhuma; é simplesmente uma restauração de todos os elementos d'este nome, proposta por J. Grimm, e que o snr. Coelho encontrou em Förstemann, se me não engano. Havemos de tel-a por optima, vindo da mão de quem vem; mas poderíamos jurar e mesmo apostar que o illustre descobridor da *lautverschiebung* querelaria contra quem lhe attribuisse a opinião de que o seu *Liudaharis* não podia apparecer antes do seculo iv da nossa éra, com a fôrma Lutario. Para o grande sabio, a fôrma completa no nome de Tencteri (povo germanico) devia ser Tengdahari, d'um thema *tengda* e do suffixo *heri*, gothico *hari*², e não obstante Grimm não tinha o mau gosto de se pôr a sermonear, em nome da *lautverschiebung*, os escriptores classicos, que antes do seculo iv da nossa éra, escreviam Tencteri. Ora é visto que tanta « impossibilidade », ou mais, ha em fazer de Tengdahari Tencteri, como *Liudahari* Lutario. E vê-se mais, que o snr. Coelho

¹ *Revue Celtique*, XI, pag. 149.

² *Geschichte der deutschen sprache*, 4.^a edição, I, pag. 372.

ignora que os nomes ethnicos e pessoas escapam as mais das vezes á *lautverschiebung*, a não ser que o sábio professor do Curso Superior de Lettras queira dar um quinau no inventor d'aquella lei, que o declara muito expressamente ¹. Não faltava mais nada!

Resta ainda uma objecção tremenda, o diphthongo *iu*. Os classicos, que estropiavam adoravelmente os nomes estrangeiros, como toda a gente sabe, quando se tratava dos diphthongos germanicos, entende o snr. Coelho que não podiam deixar de ser d'um rigor phonographico. Tem argumentos este snr. professor! Como porém os allemães ainda hoje pronunciam o nome com diphthongo e sem elle, Luther e Leuther, é crível que os seus antepassados fizessem o mesmo nos remotos tempos, ou que os phonographos pre-historicos fossem muito imperfeitos, quanto á reproducção do diphthongo *iu* ². Concluindo: Diefenbach tinha carradas de razão em afirmar que os nomes de Leonorio e Lutario podiam ser «em verdade germanicos»; o ultimo pelo menos é tão genuinamente germanico, que custa mesmo a acreditar na intriga, de que o fazem victima. As lições dadas pelo snr. Coelho ao bom Diefenbach, essas são genuinamente — como dizer? — macarronicas.

*

Estamos ainda a meio da jornada. Como repeti com Holztzmann que os nomes pessoas dos galatas asiaticos eram teutonicos, prosegue o snr. Coelho na sua gloriosa campanha, escolhendo um certo numero e desprezando a maioria d'elles, para não avolumar os seus triumphos, decerto. Contentemo-nos com o que vem.

5.º Nomes em *rix*. Na Galacia não faltam nomes em *rix*, mas o snr. Coelho apenas tomou tres á sua conta; elle lá sabe porque, e eu tambem. D'estes tres temos de riscar um, Epo-

¹ Obra e vol. cit., pag. 125.

² Segundo Glück, *Keltischen namen*, a raiz do nome germanico Liuthari é *luth*, pag. 88, nota.

redorix, visto não nos ser afixado por nenhum documento¹. Ficam dois, Adiatorix e Ateporix. O primeiro nome é celtico, diz o illustre professor, « porque o primeiro elemento *adiato* nada tem de germanico e se reflecte no neo-celtico »; o segundo celtico é, porque « os elementos *at* (*ate*) e *epo* são puramente celticos e de modo algum germanicos ». Mas, porque no kymrico ha uma palavra *addiad* = *adiat* derivada de *adi*², é isso razão bastante, para resolver a contenda? Muito mais característico que o *adiato* é o suffixo *rix*, e seria necessario demonstrar bem claramente que elle se encontra nos antigos nomes pessoaes cambricos. Ora eu ainda não encontrei nenhum, nem nos antigos escriptores, nem mesmo nas inscrições romanas, achadas n'aquelle paiz³, como não encontrei nenhum na Lusitania. Da Irlanda não se sabe nada. Citam-se os nomes de Bled-ri, Rod-ri, Jud-ri; porém esses nomes são muito posteriores á invasão saxonica na Cambria. Na Lusitania com a invasão germanica do seculo v, entram elles ás dezenas e ninguem nega que fossem importados pelos conquistadores. Não ha razões para suppôr que succedesse o mesmo na Cambria? O certo é que o elemento *rix* entra como suffixo n'uma quantidade innumeravel de nomes pessoaes germanicos, e é incontestavelmente germanico, ao passo que ninguem o demonstrou ainda nos paizes, onde nem os celtas nem os germanos dominavam. Estes factos valem decerto muito mais que a coincidência da palavra *addiad* = *adiat*, com a primeira parte do nome de Adiatorix.

As mesmas observações se applicam ao nome de Ateporix, de cuja celticidade não sou eu só que duvido. J. Grimm, que

¹ Trata-se decerto do Poredorax ou Toredorix de Plutarcho. A lição Eporedorix é uma mera conjectura de Perrot; mas tambem Perrot suppõe que, em vez de Artienos, de que adiante se fallará, ha de lêr-se Arcinos, que seria um nome grego, como o de seu pae Musano, e o snr. Coelho trata de resto a conjectura do explorador da Galacia. Pois melhor fundamento parece ter a ultima que a primeira. Para sermos coherentes, rejeitamos-as ambas. Notaremos ainda assim que Förstemann, inclinando-se á opinião de que Eporedorix é celtico, sempre vai incluindo o nome na lista dos que começam pelo germanico Ebar, como se não fosse coisa do outro mundo explical-o com o auxilio d'esta palavra.

² Glück, ob. cit., pag. 2 e seg. Esta palavra tambem explicaria o nome de *Adianto*, etc.

³ Pelo contrario, fóra da Cambria. Cesar já nos dá conta d'um, mas n'uma região, onde a influencia dos Belgas é conhecida.

conhecia bem o *at* e o *epo* celticos ¹, não dá a menor importância a esta etymologia fragmentada, pois que não hesita em vêr n'elle um nome da mesma familia que Atepomarus, identificando este com Ethespamara ou Etherpamara ², quer dizer, Grimm considera todos estes nomes como germanicos. Notemos ainda que o nosso tetrarcha era filho d'Albiorix, nome em que é impossivel desconhecer o Alberich germanico. E, se este o é, os de Ateporix e de Adiatorix têm n'elle um excellente fiador.

6.º *Nomes em gnatus*. São dois: Eposognatus e Cassignatus. São celticos, porque os elementos do primeiro, *epo*, *so* (su) e *gnatus* « são celticos e nada têm de germanicos »; os do segundo, Cassignatus, estão quasi na mesma. Começemos pelo ultimo componente d'ambos elles, *gnatus*. *Gnatus* não tem nada de germanico? Mas Gluck, o oraculo do snr. Coelho, affirma positivamente o contrario, a pag. 172 de seu escripto, atraz citado: o germanico *knuot*, *knuat* (natura, substantia, genealogia) coincide, diz elle, com o celtico *gnatus*, é litteralmente o *gnatus* latino em *cognatus* ³ e outros, salva a differença de significação. Como é, pois, que a palavra *gnatus* não tem nada de germanico? Pela differença da significação, visto que o *gnatus* celtico significa *solitus*, *consuetus*, e o *knuat* germanico *genealogia*? Mas, se alguns celtistas, como Jubainville, seguem a opinião de Glück, a maioria d'elles (é o proprio Jubainville que o declara) ⁴ rejeitam-na, vendo no *gnatus* celtico uma palavra que significa *filho* ⁵, portanto expri-

¹ A palavra *epos*, cavallo, que, segundo os celtistas, caracteriza varios nomes celticos, como Eporedorix, Ateporix, etc., ha de causar a muita gente estranha confusão, em vista das seguintes affirmativas dos mesmos celtistas. Os Celtas, depois da sua separação dos Latinos, pelo menos, perderam o *p* indo-europeu e só o reconquistaram em tempos relativamente recentes, cerca do seculo II antes da nossa era, e com excepção da Irlanda, onde só entrou com o christianismo. Qual a causa do segundo phenomeno linguistico? Sobre esse ponto não se diz uma palavra.

² G. d., D. S., I, pag. 336.

³ A raiz de *gnatus* em *co-gnatus* é *gen*. M. Breal, *Dictionnaire etymologique latin*. V. nascor.

⁴ *Revue Celtique*, VIII, pag. 181.

⁵ Por exemplo Ebel em Fick, *Vergleichendes W. der indo-germanischen sprachen*, I, pag. 558 da 3.ª edição, e Windisch, segundo parece, n'outra obra de Fick, *Die griechischen personennamen*, pag. LXXVII, CXCVIII. Fick põe Ategnata (que Pictet interpretaria Re-nata)

mindando a mesma idéa que o *knuat* teutonico. Como não está provado que entre os celtistas é a minoria que tem razão, iremos com a maioria. Para a maioria o nome de Eposognatus não se pôde dividir em *Epo su* e *gnatus* e significar *bien habitué au cheval*, mas ha de dividir-se em Eposo e gnatus, como Busugnatia, Bussugnatius e outros e interpretar-se, no ultimo elemento, como os nomes gregos com gnetos. Não diremos que os nomes de Eposo, Bussu se reflectem menos mal no Ebiso, Ebeso, Bosso germanico, para não entrarmos em novas contendas; basta-nos a certeza de que todo o nome em discussão se pôde interpretar pelo germanico, sem opposição séria da maioria dos celtistas.

Dá-se exactamente a mesma coisa com o composto Cassignatus, mas com circumstancias aggravantes. O snr. Coelho, sempre heroico nas suas affirmativas, decide que o primeiro elemento *cassi* não é germanico, mas celtico; e no entanto Glick (pag. 163) diz-lhe bem claramente que o celtico *cas* tem seu correspondente no teutonico, como tambem claramente diz não saber o que a palavra celtica significa nos compostos que cita e o snr. Coelho copiou. Jubainville pretende vêr na primeira parte do nome de Cassignatus o deus Cassi ou os deuses Cassis das inscripções rhenanas. Mas para muito boa gente será isso uma razão a mais para vêr em Cassignatus um nome germanico ¹. E por fim é bem possivel que os etymologistas estejam aqui a construir sobre areia solta, visto ser

e Eposognatus, etc., na mesma linha que o grego Theognetos, etc., escrevendo todavia Epo-so-gnatus, sem muito se perceber porque. Digase, para prevenir chicanas, que a fôrma *cnatus* apparece ao lado de *gnatus*. Não é ocioso tambem advertir que um *cives mattiaci*, isto é, germanico, se chama Meddignatius (os dois *dd* barrados), e mais apparecerão, sendo procurados com o vagar, de que não dispomos agora. Advirta-se por fim que o elemento *gnatus* se encontra no grego, como se viu acima.

¹ Estes deuses são conhecidos principalmente pelas inscripções Rhenanas de Brambach, bem como a deusa Nehalennia, cujo nome, diz Gaidoz com a sua habitual franqueza, tem sido reclamado como celtico « *faute de mieux* », mas que um sabio allemão, Kern, sustenta ser germanico e igualmente os d'uma turba respeitavel de matronas divinas, mencionadas nas ditas inscripções, tambem reclamadas pelos celtistas sempre « *faut de mieux* ». Dos sitios, onde apparecem os deuses Cassis mais se pôde inferir o seu germanismo, que o seu celtismo. Na interpretação do nome pelo celtico, já vimos o que pensa Glück: nada se sabe ao certo.

muito incerto se o nosso galata se chamava Cassignato se Carsignato, como escreve Polybio. Seja o que fôr, a categorica asserção de que os nomes de Eposognato e Cassignato ou Carsignato só podem ser celticos e não germanicos, é um rasgo de coragem, e nada mais: o ultimo elemento é tão exclusivamente celtico, que se encontra por ex.: no grego, onde apparece mesmo o composto cassignetos.

7.º *Teutobodiaci*. É celtico, porque se compõe de *teuto* e de *bodiaci*, e este ultimo de *buad* (victoria) e do suffixo « tão caracteristicamente celtico » *iaco*.

Vamos por partes. Os elementos *teuto* e *bodui*, aquelle entrando mesmo no nome dos Teutones, este significando *pugna* (Grimm, Scade, etc.), não só se explicam perfeitamente pelo germanico, mas apparecem reunidos no nome d'um chefe germanico, Teutobodus. Esta aproximação é feita por J. Grimm, para ter todo o merecimento ¹, e ao geral dos leitores o facto ha de por certo parecer decisivo. Mas o suffixo *iaco*? O snr. Coelho sente tal respeito pelo suffixo galata *iaco*, tanto por causa da qualidade, como da quantidade, que não temos outro remedio senão esmerilhal-o muito cuidadosamente. Com respeito á quantidade: encontra elle na Galacia quatro nomes topicos em *iaco*, dois no Itinerario d'Antonino e outros dois na taboa de Peutinger. Jubainville, que fez as mesmas buscas, encontrou apenas tres, porque no Itinerario d'Antonino sómente encontrou Orsologiacum ou Rosologiacum. O nosso illustre compatriota, fadado para descobertas surprehenderes, pôde dobrar a conta d'um modo engenhoso. Foi-se ao Itinerario de Jerusalem, que costuma andar ligado ao de Antonino, e, encontrando lá um Rosolodiacum, sommou-o com o Rosolagiacum ou Orsologiacum, achado por Jubainville, e está claro que a somma lhe havia de dar dois. Mas succede que o Rosolodiacum do Itinerario de Jerusalem é uma terceira variante dos nomes estropiados do Itinerario d'Antonino, e que todos tres designam uma e a mesma localidade, como sabem todos os que lêem estes documentos com alguma attenção. Muitos louvores devemos dar a Deus em o snr. Coelho se não lembrar de nos encampar tres nomes, em vez de dois. Vê-se, porém, que os dois se reduzem a um, sendo duvidoso se esse mesmo terminava em *iaco*, attendendo a que Ptolomeu escreve simplesmente Orsologia. Na taboa de Peutinger acha o snr. Coelho mais dois no-

¹ G. d., D. S. pag. 445.

mes em *iaco*, Acitoriziacum e Laudiciacum (Laudiciaca, na edição de Mannert). O Acitoriziacum de Peutinger é ainda uma quarta variante do — *iacum* do Itinerario? Não seria isso coisa impossível. Acitoriziacum fica a poente d'Aspona e pouco mais ou menos á distancia, em que devíamos encontrar o — *iacum* do Itinerario d'Antonino, mas nem este conhece o Acitoriziacum de Peutinger, nem *vice-versa*. Que pensar de toda esta trapalhada? Temos por fim Laudiciacum ou Laudiciaca. Este nome é celtico porque? Quem procurar fóra da Galacia, na direcção da Phenicia, encontra umas poucas de Laudicias e de Laudicios. O nome em si nada tem pois de celtico. É pelo suffixo *acum*, *aca*? Mas, se procuramos em volta da Galacia, temos que fazer, querendo colligir os nomes em *aco* e *aca*: Lampsaco junto ao Hellesponto, Astaco na Bithynia (fundado pelos Athenienses e Megarios, diz Strabon). Gelaca na Paphlagonia, Andraca na Capadocia, etc. etc., e, se nos resolvessemos a chegar até á Media, só ahí encontravamos, pelo menos nove nomes em *aca*, consultando apenas Ptolomeu. Nomes em *aca*, *aco*, *iaco* apparecem quasi em toda a parte; Sarbacum, Axiacus (rio) na Sarmatia europeia; Messeniacus (sinus) na Achaia, Pelusiacum (ostium) no Egypto; Ieracum, (insula), ilha no Golpho Persico; Ieracum (vicus) no interior da Arabia, etc. etc. Só os germanos estariam condemnados a soffrer a fome d'este misero suffixo? Qual! Deixando de lado os caturras, como Moke, que levam a audacia até o monopolisar para os Teutões, basta lêr os livros de Förstemann, *Personennamen* e *Ortsnamen*, para vêr que os nomes pessoaes e topicos em *ac*, *aca*, deviam ser innumeraveis entre os Germanos. O que porém melhor é, ninguém duvida que os Marsaci (Grimm), os Mattiaci, com a sua cidade Mattiacum, etc., fossem povos germanicos. Não é portanto o suffixo *iaco*, a que prestamos, como se vê, as devidas homenagens, que pôde desgermanisar o germanico Tentobodus.

Contra os tres (?) *iacos* galaticos não opporemos os nomes de Germa e de Germanopolis, que já faziam suar Diefenbach; o nosso fim, já o dissemos, não é entalar o snr. Coelho, é só admiral-o.

8.º *Tolistobogü*. O illustre professor deixa no escuro a primeira parte do nome, para só vêr a segunda, *bogü*, «identica a boü»; e, achando esta ultima nos nomes Adbogius, Combogius e outros, que «são de formação celtica (não germanica)», conclue que todo o composto não é germanico, mas celtico. O que significa porém *bogius*, *boius*, em celtico? Jubain-

ville offerece uma interpretação, com qual o snr. Coelho não concorda, sem declarar a sua opinião.

De sorte que Adbogius e Combogius são de formação celtica, não germanica, bem que os celtistas não saibam porque. É por palpíte. Ora o que se sabe perfeitamente é que o elemento *boio* entra no nome do cimbrico (germano) Boiorix ¹, no nome de Boihemum, cujo suffixo «pelo menos», diz Grimm, é germanico ². Dois nomes certos de formação germanica e não celtica.

9.º *Cambaules*. É celtico, «porque provém d'um thema *cambo*, que não é germanico, mas celtico». Tão pobre seria a lingua germanica, que não tivesse a palavra *comb*? Grimm até a encontra no nome de Si-cambri, e no de Cimbrri (Cambern). Temos porém coisa melhor. Além do galata *Cambaules*, existe um galata *Combolomarus*, em cujo nome se inclue certamente o primeiro. *Combolomarus* é um nome germanico ³.

10.º *Articnos*. É «puramente celtico, sendo impossível achar no germanico os seus elementos». Que pobreza franciscana a d'estes velhos germanos! nem o miseravel suffixo *aco*, nem a palavra *comb*, nem a palavra *art*! Grimm, Scade, Kluge acharam no germanico velho a que nos interessa ago-

¹ Sobre Boiorix e Teutobodus manda o snr. Coelho vêr Mullenhoff, *D. Altertumskunde*, II, pag. 118-121, e Grimm, *G. der deutschen sprache*, 3.ª ed., pag. 445. Mullenhoff conclue, ao fim d'uma larga discussão, que todos os nomes teutonicos e cimbricos que nos foram transmittidos (pelos historiadores da invasão cimbrica) eram germanicos, como Zeuss já reconhecera, e é mesmo este facto uma das provas, em que se firma para demonstrar o germanismo dos Teutões e dos Cimbrs. Alguns d'estes nomes, passando pela bôca dos gaulezes, antes de chegar aos Romanos, soffreriam d'aquelles modificações accidentaes, consoante as exigencias da sua lingua, circumstancia que compromette mais uma vez o rigor phonographico, para que o snr. Coelho tem appellado. Grimm sustenta que os nomes de Teutobodus e Boiorix, supposto pareçam «à primeira vista celticos», se explicam igualmente pelo germanico e é para esta opinião que elle se inclina, como veremos mais adiante. Não é pois em Mullenhoff, nem em Grimm, que o snr. Coelho encontra auxiliares na questão sujeita, como alguém poderia suppôr. Muito pelo contrario.

² Obr. cit., pag. 117, nota 1.

³ Förstemann, pag. 320. Os celtistas, em vez de *Combolomarus*, como se lê em T. Livio, querem lêr *Comboiomarus*, como do *Comontorius* de Polybio fazem *Commontorius*, para dividir este nome em *Com* + *montorius*. Conjecturas dictadas por preconceitos, sem a menor duvida.

ra, *art.* Zeurs acha nomes pessoases com um *art* qualquer ¹, e provavelmente muitos dos da lista, dada por Förstemann, estão no mesmo caso; Artignus, talvez; mas o snr. Coelho, sempre heroico e corajoso, declara «impossiveis» taes achados. É do mesmo modo «impossivel» achar em germanico o elemento *cnos*. Os germanistas, entre elles Kunssberg, acham-no e tornam a achal-o; mas é porque a estes pacovios não occorreu a objecção seguinte, que sómente o conspicuo professor de glottica poderia descobrir: «O elemento *cnos* — prelecciona elle — devia significar gerado e foi ligado com toda a razão ao ant. irland. *cenel*, genus, ant. kymr. *cenell* (mesma significação), verbo irland. *cinim*, eu descendo. Comparem-se ainda o osco *konos* em *loufrikonos* e o sanscrito *kanā*, *kaniā*, rapariga. Se *cnos* tivesse correspondente em germanico, devia esse começar por *h*».

Vejamos.

O irlandez *cenel*, o kymrico *cenell* vem, segundo Ebel, da raiz *gen*, não obstante o *c* duro ², o mesmo se ha de entender do verbo *cinim*. Corssen, citado pelo snr. Coelho, faz vir o celtico *cnos* da mesma raiz ³; tal deve ser tambem a opiuião do nosso illustre professor, pois que para elle *cnos* significa gerado. Temos pois que o *c* em *cenel*, *cenell*, e no *cnos* «celtico», representa um *g* primitivo. Ora é um dos principios «mais elementares da sciencia da linguagem» que ao *g* primitivo corresponde em germanico um *k*, o *c* duro d'Ebel; por isso o latino *genus* está na mesma linha que o gothico *huni* por *kunis*, diz Glück, para só citarmos o oraculo do snr. Coelho. Por uns principios novos, da invenção do illustre professor, ao *genus* latino havia de corresponder um germanico *huni* por *hunis*. Se Glück fosse vivo e o apanhasse a geito!

Já tinhamos previsto que em coisas glotticas, o snr. Coelho se havia de exceder a si mesmo; mas com franqueza não esperavamos tanto. E o chiste principal está em que, exhibindo impavidamente estas curiosidades, pede desculpa aos seus leitores por se mostrar tão erudito. Força-o a isso, diz elle, o absurdo que combate — o absurdo do *c* = *k* germanico correspondendo a um *g* primitivo.

¹ *Die Deutschen*. pag. 75, nota 2.

² Em Fick, *V. Wörterbuch d. indo-germ. s.*, I, pag. 557.

³ *Ueber die sprache der Etrusker*, II, pag. 332.

*

Esgotado por estas victorias, o illustre professor bravateia ainda : «O exame d'outros vestigios da lingua dos galatas que invadiram a Macedonia, a Grecia, e de que uma parte se estabeleceu na Asia Menor, no paiz que d'elles recebeu o nome, confirmaria os resultados da precedente investigação. Um ou outro d'esses nomes offerece algumas difficuldades á explicação, talvez porque nos chegaram alterados ¹; taes são Cere-thrius e Acichorius ou Cichorius; mas esses nomes não são evidentemente germanicos, como o não é Chio-mara, etc.». Sim, elles «evidentemente germanicos» não são, mas parecem-no bem, como Bepolitanus, Camma, Bitherius, etc. ².

*

Um parenthesis que nos não afastará muito do nosso assumpto. A proposito do germanismo dos Celtas escrevia o snr. Coelho a pag. 131-2 do seu libello : «Um facto notavel é este : em todas as épocas em que a these apparece, defendem-na sómente escriptores d'importancia secundaria, e nunca nenhum dos grandes espiritos cujo nome pertence de direito á historia da sciencia».

O notavel é que o conspicuo professor parece ter feito juramento de não formular uma declaração solemne, que possa sustentar por dois minutos.

Para se vêr a sciencia e consciencia com que o snr. Coe-

¹ A pag. 170 do seu artigo não percebia o snr. Coelho como de Leonard os escriptores romanos podessem fazer Leonorius; agora já lhe parece que os velhos nomes nos podiam chegar alterados. Sempre com excepção para o diphthongo *iu*, está visto.

² Comp. os nomes de Akihari, Acchihar, Beppolenus, Chamo, Hammi, Hemma, Withar, Witer, etc., em Förstemann. Diga-se de passagem que os nomes germanicos Epo, Eppo são vulgares.

Iho oraculisa ainda d'esta vez, vamos extractar com a rapidez exigida por uma digressão, as opiniões que sobre o caso sujeito expende, por exemplo, J. Grimm, um dos grandes, senão um dos maiores espiritos, «cujo nome pertence de direito á historia da sciencia». Para o auctor da celebre *Geschichte der deutschen sprache*, a historia dos Celtas illyrios, thracios, macedonios, scythicos e asiaticos estava envolta em trevas impene-traveis (pag. 117); não dissimula ainda assim as suas convicções ácerca do germanismo d'estes povos, e dos Helvecios, dos Boios, dos Tectosages, que põe na mesma plana dos Gothios (pag. 503). Estes eram um bando de gente gothica, desgarrado muito cedo para o mundo celtico, conservando os seus nomes tradicionaes (fiadores da sua primitiva origem), mas tão desnacionalisado com o tempo pela influencia estrangeira, que os Germanos puros, quando mais tarde o conheceram, sentiam por elle um verdadeiro desprezo (pag. 502-3). Coisa parecida havia succedido aos Helvecios, aos Boios, aos Tectosages.

Temos portanto que para o profundo investigador, as tribus germanicas se haviam insinuado, e desde muito cedo ¹, pelo mundo celtico, pelas Gallias, pela Illyria, pela Thracia, pela Macedonia (para só fallarmos da Europa e da Europa continental), e é de vér que, embora esta gente acabasse por adoptar a lingua e civilisação dos povos, onde teve mais ou menos preponderancia, impossivel era que não complicasse a onomastica celtica, nos paizes celticos, com os seus nomes «tradicionaes», tanto ethnicos, como pessoaes, como topicos. Admittida esta hypothese, que tem por si ponderosos argumentos d'ordem historica e anthropologica, imagina-se a difficuldade de estremar os nomes d'origem «celtica» e d'origem germanica, quando as duas linguas, como se sabe, tem muitos radicaes, communs, e uma grande parte d'elles nos chegou por intermedio dos Gauleses, como suppõe muito boa gente.

¹ E assim explicava que os antigos romanos conhecessem palavras germanicas, como por exemplo, *ambactus*, de que já usa o poeta Ennio. O nome celebre de Hercynia (silva) seria para elle não celtico, mas germanico, o mesmo que o gothico *fairguni* = montanha. Glück combateu esta opinião; mas eil-a de novo na brecha, como se pôde vér na *Revue Celtique*, xi, pag. 216 e seg. Admittida esta doutrina, diz Jubainville (que a não aceita) os Germanos precederam os Gauleses n'esta região e já a tinham occupado antes de Aristoteles (sec. iv, a. C.).

O snr. Coelho avia tudo isto com o diphthongo *iu*, a *lautverschiebung*, o suffixo *aco* e quejandas receitas, por virtude das quaes o mundo celtico ficaria completamente varrido de Germanos e o problema linguistico heroicamente resolvido, ao mesmo tempo que o ethnico. D'este rigorismo glottologico só haveria excepção a favor dos Cimbrós e dos Teutões. Para este ultimo nome, por exemplo, que é derivado de *thiuda*, já a spirante inicial, a *lautverschiebung*, etc., não valem nada; porque este e outros nomes cimbricos e teutonicos apparecem «celtisados», isto é, chegaram aos Romanos um pouco desfigurados, por terem passado pela bôca dos Gauleses, segundo a sã opinião de Zeuss, de Mullenhoff e outros. Não é de crêr que o mesmo acontecesse a uma infinidade de nomes, que os celtistas reclamam como celticos pueros? Voltando a Grimm, o illustre sabio acreditava tão pouco no germanismo dos Galatas da Asia Menor, que estava tentando a equiparar o nome de Tectosages ao de Tencteres (germanicos) (pag. 503); e a aproximar o de Tolistoboü do de Costoboci, que explicava pelo germanico (pag. 139). Já vimos que não hesitava em aproximar tambem o nome dos Teutobodiaci do germano Teutobodus, em vêr no Ateporix galata um nome germanico; e tanta importancia dava á opinião dos que da onomastica dos Galatas inferiam a celticidade da sua lingua, que formalmente diz nada se saber a tal respeito (pag. 117). O que se sabe da lingua dos Galatas da Asia cifra-se na noticia de S. Jeronymo, affirmando a sua analogia com a dos Treviros, um povo, que, segundo Tacito, tinha a mania de passar por germanico, sendo evidente que a desmentiria, se fallasse uma lingua não germanica.

O que não havia a dizer sobre a materia? Mas não é d'isso que se trata agora; do que se trata agora é de mostrar que a origem ethnica dos Galatas asiaticos, como d'outros povos tidos por celticos, na opinião dos celtistas, é uma questão obscurissima para um pensador da estatura de Grimm, emquanto que para o nosso glorioso compatriota tudo isso se decide com o diphthongo *iu* e o suffixo *aco*, etc.

Graças a este expediente e ao dos intermediarios, de que não tardamos a fallar, o snr. Coelho não só demonstraria que a lingua dos Galatas orientaes não era de modo algum germanica; que essa lingua era fundamentalmente a mesma que a dos Celtas das Gallias e da Britannia, fundamentalmente a mesma que a dos dialectos neo-celticos — o que ninguem, contestou nunca: todas as linguas arianas são «fundamental-

mente » as mesmas, mas demonstraria mais « que diversos elementos do onomasticon galata se encontram no onomasticon lusitano ou se ligam aos elementos d'este ultimo por intermedio do onomasticon d'outros celtas ».

Esta ultima conclusão responde decerto á minha affirmativa de que entre os Galatas asiaticos e os Lusitanos tal era a differença com relação aos nomes pessoaes, que não se encontrava um, que fosse commum aos dois povos, ou mesmo apresentasse um ligeiro ar de familia. O snr. Coelho vai pulverisar esta affirmativa. Temos de voltar á *selva oscura*, por onde ha pouco nos embrenhamos. Aqui está o que podemos respirar: 1.º « A *nemeton* (de *drynemeton*) ligam-se o nome do povo *Nemetali* e da cidade *Nemeto-briga*, na Callæcia, isto é na Lusitania ». Como vimos, porém, que *drynemeton* se explica melhor pelo germanico que pelo celtico; como sabemos que havia um povo germano chamado *Nemetes* (Grimm), o que nos parece claro como a agua é que a palavra era commum aos germanos e aos arias pre-germanos, como muitas outras, e que portanto o argumento do snr. Coelho é tão bom, que até pôde provar o germanismo dos Lusitanos. 2.º Na Lusitania não ha nomes em *rix*, aliás abundantes na Galacia, n'isto concorda o snr. Coelho; mas aqui está como elle os arranja. Na Lusitania ha um Tautamus, que pelo primeiro elemento, *taut*, se liga a Toutiorix; ha um Tancius, que tambem pelo primeiro elemento, *tanc*, se liga a Tancorix ¹. Logo, se na Lusitania não ha Toutiorix, Tancorix e outros nomes em *rix*, podia havel-os. Não parece troça? Os exemplos não podem ser mais infelizes, diga-se de passagem. O nome de Toutiorix não sómente se explica perfeitamente pelo germanico, mas é muito de crêr que seja o nome d'um deus germanico ². Quanto a Tancorix e a Tancinus, nos antigos documentos germanicos encontra-se ainda um Thancherih (antigo Tancherich) e um

¹ « Um dos raros nomes celticos femininos em *rix* », commenta eruditamente o snr. Coelho. « Ha d'elles muitos exemplos », commenta o general Creuly na *Revue Celtique*, III, pag. 160.

² A duvida é já suscitada pelo annotador d'Orellius, onde o snr. Coelho diz ter ido procurar o nome: « Gallicum vel Germanicum Apollinis cognamentum », escreve elle. A inscripção foi achada em Wiesbaden (Aque Maltiacæ). Os Maltiacos eram germanos. Dietrich, antigo Toutiorix, representa um papel importante nas legendas mythologicas dos germanos, como se pôde vêr, por exemplo, na D. M. de Grimm, I, pag. 309, 440.

Tanchini ¹. Que concluir d'aqui? que a radical de Toutiorix, Tancorix e Tancinus era commum aos germanos e aos arias pre-germanos, sem poder afirmar-se que a segunda, pelo menos, tivesse n'uns e n'outros o mesmo significado. Certo é que na Lusitania não ha um só nome em *rix*. 3.º O nome do lusitano Aranicus liga-se pelo elemento *ario* ao celtico Ariomanus. Mas não se liga do mesmo modo ao germanico *Ariogaisos*, para não fallarmos d'Ariovisto, «que nos é dado, diz o snr. Coelho, por Cesar como nome d'um chefe germanico». 4.º Entre o nome do deus Turiacus de Santo Thyrso e o nome do Teutobodiaci ha um ar de familia... por causa do suffixo *iaco*! ² Não é verdadeira caçoada? 5.º O Cambaules galata liga-se ao Cambetum da Galliza pelo thema *cambo*, que, segundo os celtistas, significa *curvo*, *cambado*. Mas como sabe o snr. Coelho que o Cambaules galata era curvo ou cambado; por outra, como sabe que a radical de Cambaules não era germanica, muito parecida por exemplo á que J. Grimm procura para o nome Cimbros, e hem mais adequada ao nome d'um cabo de guerra? Se o *cambo* celtico fizesse todas as despesas dos nomes, em que litteralmente apparece, teriamos de celtisar o proprio persa Cambyzes. 6.º Articnos. Na Lusitania não ha nomes em *cnos*, nem nomes com *art*. Veja-se porém a mirifica virtude dos intermediarios. Ha na Lusitania nomes com *briga* e com *dunum*, e nos paizes occupados pelos «Celtas» encontra-se um Artodunum e uma Artobriga. Habilitados com o seu *dunum* e a sua *briga*, os Lusitanos vão aos paizes celticos desacolchetar d'Artodunum e d'Artobriga o *art* que lhes falta, e, feito isto, vão á Galacia buscar o *cnos*, que tambem não tinham, e voltam para casa com um Articnos, um Artodunum e uma Artobriga.

E n'isto se cifra a demonstração do snr. Coelho. O processo n'ella adoptado é «invulneravel, diz elle, e um guia seguro na historia antiga do occidente», «cuja luz não foi aproveitada por completo». Tão invulneravel é o processo, que o illustre professor ainda ha pouco o applicou aos pobres deuses lusitanos, para ouvir de *Revue Celtique* um — malvas — muito distincto. O mesmo invulneravel processo foi emprega-

¹ Não faça duvida a quesilenta spirante inicial; as fórmas Tanco, Tanko, lá estão tambem em Förstemann (Pers., pag. 1149).

² É de notar que o suffixo *iaco* (sic) é rarissimo na Lusitania.

do por A. Pictet, para demonstrar a celticidade de varios nomes de rios africanos, ao que veio pôr embargos Jubainville, fiado n'um processo que tambem julgava invulneravel. Era sempre por este processo invulneravel que um sabio allemão provava, a toda a luz da sciencia glottologica, que um gravador francez seu contemporaneo, chamado Encina, era um deus celtico, um deus dos carvalhos. Finalmente não era por outro processo que os bascofilos «demonstravam» serem basco puro muitos nomes, declarados celticos pelos celtistas¹. Não queremos dizer com isto que o methodo comparativo não seja fructuoso n'esta, como em muitas outras investigações; queremos dizer que, para dar fructos sãos, precisa de ser manejado por um investigador de muito tino e de muita sciencia, qualidades que, pelo visto, seria torpe lisonja reconhecer no snr. Coelho.

Se com o mólho das raizes e dos suffixos era facil abrir todas as portas, como escrevia o escarnento Gaidoz, que porta ou postigo resistirá á gazua dos intermediarios, quando aproveitada «por completo», como deseja o sabio professor e com a perfeição, de que nos dá tantas amostras! Quer-se estabelecer a identidade de duas linguas e concluir d'ahi a identidade dos povos que as fallam? Se não ha nomes identicos inteiros, opera-se sobre fracções; exemplo, o nome do galata Cambaules, cuja metade é, letra por letra, a metade do nome topico Cambetum da Lusitania. Que a palavra tenha, ou não tenha, o mesmo significado em ambos os nomes, é uma impertinencia que não vale a pena esmiuçar. Succedendo que a comparação não ache victimas nem em metades, nem em fracções mais pequenas, em coisa nenhuma, a demanda ainda não está perdida; viu-se que na Lusitania nem ha nomes com *art*, nem nomes em *cnos* para oppôr ao Articanos galata, mas viu-se tambem como, mercê dos intermediarios, o snr. Coelho pôde crear *ex nihilo* um Articanos lusitano.

Com este processo, que chama invulneravel, gaba-se o illustre glottologo de ter demonstrado que os Lusitanos e Galatas asiaticos fallavam a mesma lingua; eram um mesmo povo, e nem mais nem menos que os Celtas semi-nomadas do seculo VII, a. C., que viriam semear em quasi toda a Eu-

¹ Entre elles, os compostos com *art*, com o suffixo *aca*. etc., segundo pôde vêr-se em G. Humboldt, *R. sur les habitants primitifs de l'Espagne*.

ropa o seu idioma, tão magico e seductor, que os povos pre-existentes o trocariam pelos seus, supposto possuíssem uma civilização muito superior á d'aquella gente.

Mas se estes povos fallassem uma lingua «fundamentalmente» a mesma que a d'aquelles barbaros, como o insinuam muitas noticias, que devemos aos Phenicios? O snr. Coelho não desce a estas bagatellas, e parece não querer perceber que, emquanto o não fizer, não faltará quem ache a sua fabrica ethnologica tão boa, como a dos bascophilos, a do germanista Holtzmann, etc., ou ainda peor ¹.

E em absoluto, não negando, nem podendo negar que a linguistica seja um excellentes subsidio para a elucidção dos problemas ethnicos, negamos-lhe absolutamente o direito de primazia, que pretende arrogar-se, atropellando todas as demais sciencias. Sem moderar os seus impetos e respeitar os trabalhos da ethnologia propriamente dita, da critica historica, da anthropologia, da archeologia, é opinião de muitos que a linguistica, mettida a ethnologisar unicamente com a sua ferramenta propria, não passará d'um bota-fogo, condemnado a successivas retractações ².

*

E ainda não estamos livres da glottica. Tendo eu arranjado uns Lígures na Lusitania, como diz, zombeteando, o snr. professor Coelho, perguntava aos «competentes» se o nome de Lusitani não viria da fórma Ligusitani, pela queda do *g* inter-

¹ Holtzmann queria varrer da Europa occidental os povos ligúricos, parentes dos cambrios, e vêr só n'ella povos germanicos com instituições germanicas. Pelo contrario, eu, em muito boa companhia, concedo muito pouco á iniciativa celto-germanica e quasi tudo á civilização dos povos pre-existentes, com que os Germanos se misturaram, embora mantivessem em alguns paizes a sua arrogancia de conquistadores. O snr. Coelho, com um d'aquelles espantaralhões mysteriosos, a que é achacado, parece estranhar que eu não vá atraz de Holtzmann!

² Já perdeu os «Celtas velhos» de Thierry, os Bastarnas, os Cimbrós; não se pôde dizer que estejam fóra de perigo os Helvecios, os Boios, os Tectosages, etc.

vocalico — vulgar no chamado « neo-celtico » — e pela contracção do *iu* em *u*.

Isto bastou para que o « competente » snr. Coelho me mimoseasse com as suas costumadas amabilidades, aproveitando a occasião d'oracularisar as suas costumadas exquisitices. Eu ignoro, diz elle, que dos factos phoneticos das linguas modernas se não pôde concluir para factos phoneticos das linguas antigas; e, para mostrar que um sabio glottologista como elle era incapaz de perpetrar similhante delicto, procura no portuguez *fusa* uma prova da resistencia do *i + u* no antigo celtico. Parece parodia á scena do boticario d'um drama de Scribe; « Eu cá sou outra coisa! »

Quanto á queda do *g*, o illustre professor, depois d'uma rajada das suas quasi sempre inuteis erudites, concede por grande generosidade que fosse possivel no antigo « celtico ». N'este particular é symptomatico o cuidado com que dissimula a opinião de Zeuss (*Gram. Celtica*, pag. 145), que faz a mesma concessão sem favor nenhum.

Toda a difficuldade está no *iu*. Outra vez, este travesso diabrete! A fusão do *iu* em *u* é inadmissivel para o sabio professor por duas razões, qual d'ellas mais imperiosa. É a primeira que « não ha exemplo nenhum antigo celtico » de similhante fusão. A historia das antigas letras celticas era obscurissima para A. Pictet e outros; mas o snr. Coelho, que a conhece como os seus proprios dedos, sabe de sciencia certa que não ha um só *u* celtico capaz de se ter fundido, muito menos com um *i*. A segunda razão não é menos imponente: a ligação *i + u* resistiu n'algumas linguas, nomeadamente no celtico, por muito tempo; para o comprovar no celtico, dá-nos um exemplo da resistencia do *i + a*, e outro tirado do portuguez *fusa*. Nada mais convincente, nem mais erudito. Ouçamos agora o que dizem os ignorantes ácerca da resistencia do *iu* celtico. Zeuss (obr. cit., pag. 25) escreve que o *u* provém ás vezes d'uma contracção, como em *nûe* de *no- via*, *clui* de *clouv*, *tîus* de *tovus*, *dîs* de *dufius*, *dofius*. N'este ultimo exemplo ha, como se vê, a fusão de nada menos que *uiu* em *u*. Windisch, *Kursgefasste irisch grammatik*, pag. 6, escreve que o pre-historico *vidt-us* deu o composto *cubus*, consciencia, isto é, *confius*. Assim *bus* é o representante de *vidt-us*, com a fusão do *iu* em *u*, depois da queda das consoantes intervocalicas. O nome topico, Acidunum, Agidunum, deu Ahun (J. Guicherat, *De la formation française des anciens noms de lieu*, pag. 48). Em portuguez *adro*,

paço, algum, etc., são prova provada da resistencia do $i + u$ ¹.

Previamos que o snr. Coelho em coisas de glottica se havia de exceder a si mesmo, repetimos; mas com a maxima franqueza não esperavamos tanto.

(Continúa).

F. MARTINS SARMENTO.

Erratas ao numero antecedente

A pag. 107, nota 2, penultima linha, leia-se: Toda a phrase, etc. A pag. 108, leia-se: Quanto ao escudo, o snr. Coelho faz dizer a Diodoro Siculo que o escudo celtico era « oval »? etc. A pag. 113, leia-se: A organisação religiosa dos Celtas, etc. A pag. 119, leia-se: Edippo.

¹ Quanto ao $i + a$, a resistencia prova-se com o seguinte facto: dos innumeraveis nomes da Gallia com o celebre suffixo *iaco*, é raro aquelle em que o *ia* deixasse de desaparecer. Consulte-se Quicherat, obr. cit.